

Resenha



Jean Starobinski. *A tinta da melancolia: uma história cultural da tristeza*. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

A tinta da melancolia: uma história cultural da tristeza

Laura de Borba Moosburger²⁹¹

²⁹¹ E-mail: laurabmoos@gmail.com

Em estilo ensaístico e sem pretensão a sistematicidade, “A tinta da melancolia – uma história cultural da tristeza” consiste em um conjunto de textos relativamente autônomos entre si, escritos ao longo de todo um percurso de vida e que foram posteriormente recolhidos por seu autor para integrar um único volume, que conta mais de 500 páginas na edição da Cia das Letras.

O livro revela um duplo interesse. O primeiro deles se deixa entrever no título principal, “A tinta da melancolia”, em que o autor faz referência à força produtiva do afeto melancólico, seu desdobrar-se em literatura. O segundo interesse é mais difícil de detectar sob a amplitude da palavra “cultura” presente no subtítulo. É certo que em princípio o termo enlaça por público todos os interessados em literatura, história, sociologia e antropologia, mas ele de fato acaba por ter por seu principal leitor os profissionais das áreas médico-terapêuticas, em suas diversas ramificações, que buscam uma mirada mais ampla e compreensiva do fenômeno da melancolia. Embora esses dois interesses – literário e médico-terapêutico – se misturem no livro, tratá-los em sequência pode ajudar-nos a situar melhor a sua função para públicos diversos.

Começemos pelo valor peculiar da obra para os estudiosos da área médica e psicoterapêutica –

valor inscrito precisamente em sua visada *cultural*. O sentido em que Starobinski toma a palavra *cultura* reflete sua ampla formação e nos é indicada por ele mesmo no Prefácio que escreveu ao livro: inicialmente formado em letras clássicas, graduou-se paralelamente em medicina, especializando-se em psiquiatria, sem jamais abandonar os estudos literários. Ele previne expressamente o leitor contra o “mal-entendido” de que seria um “médico que abandonou a medicina”, e se descreve como alguém que realizou uma “dupla atividade médica e literária” (p. 9), com “trabalhos mesclados” (p. 10). O leitor que se aventurar pelo livro perceberá claramente que nessa ‘dupla atividade’ se revela um esforço constante por *abertura intelectual*, o cuidado em jamais reduzir a melancolia a uma condição médica que se pudesse por fim compreender a partir desta ou daquela teoria, seja de cunho psiquiátrico ou psicológico. Essa abertura e esse cuidado são conduzidos por Starobinski na maneira surpreendentemente abrangente pela qual ele apresenta sua versão de uma “história cultural da tristeza”, tanto por meio de uma pesquisa detalhada sobre as várias concepções e tratamentos da melancolia ao longo da história, quanto por sua erudição literária e virtuosismo literário próprio. Com a pesquisa histórica – concentrada

sobretudo nas partes I e II do livro²⁹² – Starobinski abre a perspectiva da mutabilidade nos paradigmas sobre a melancolia propugnados pela ciência médica e apresenta a variabilidade nos tratamentos dedicados a salvar pessoas de estados de profunda tristeza, por vezes da mais completa apatia. Apenas por isso o autor já mostra a complexidade do fenômeno e aponta para a dificuldade de compreendê-lo por um único viés. O autor insiste no fato de que a melancolia nunca se explica completamente por fatores orgânicos e está sempre associada à dimensão espiritual do ser humano, revelando, direta ou indiretamente, a imprecisão implícita em toda tentativa de capturar um fenômeno humano por métodos desumanizados.

Além dessa abordagem das perspectivas de concepção e tratamento da melancolia, o valor da obra do ponto de vista médico-terapêutico também é devido aos incursos de Starobinski na literatura,

²⁹² Embora o título “História do tratamento da melancolia” encabece apenas a primeira parte do livro, a segunda parte, intitulada “A anatomia da melancolia” (em referência à obra de Robert Burton), lhe está diretamente associada, uma vez que nela o autor prossegue tratando de paradigmas sobre a melancolia, abordando inclusive o surgimento das ciências psicológicas no Renascimento.

pelo caráter existencial eminente que ela revela a respeito da melancolia. A referência logo no início do livro à história de Belerofonte cantada por Homero na *Iliada* não deixa dúvidas quanto a essa abertura. Belerofonte – conta-nos Starobinski – foi um herói: justo, virtuoso, corajoso, “afrontou valorosamente a sua longa série de trabalhos, venceu a Quimera, desarmou as emboscadas, conquistou a sua terra, a sua esposa, o seu repouso. E eis que desaba no momento em que tudo parece ter sido concedido a ele” (pp.18-9). Apesar de seus esforços e sua justeza, de não ter cometido nenhum crime contra os deuses, estes o abandonaram. Sobre essa história Starobinski insiste em que “deixemos de lado a psicologia” e “nos detenhamos, ao contrário, na imagem, muito impressionante, e num exílio imposto por decreto divino” (p. 19). Ele faz questão de frisar a imagem enquanto imagem, dando ao mito em si um peso que ultrapassa toda interpretação psicológica. Com isso, situa a melancolia como um afeto existencial, próprio de uma condição de impotência do homem frente a seu destino. A melancolia seria um *estado doloroso da condição humana*, decorrente do abandono inexplicável da benevolência dos deuses.

É digno de nota que o autor tenha escolhido esse mito para iniciar o livro, quase como um alerta

de que interpretações desprovidas de um olhar existencial profundo sempre serão insuficientes para abranger o problema. Mesmo a interpretação psicanalítica iniciada por Freud, que vê na melancolia uma saída malograda do complexo edípico, não pode desvendar por completo o mistério de um afeto de tamanha amplitude existencial. Freud descreve a melancolia como uma falta – a falta de algo que o próprio melancólico desconhece o que seja exatamente. Entretanto, se é uma falta do que se desejava em termos de amor materno e paterno, uma falta de algo que nunca se obteve ou se obteve e perdeu, ainda assim o melancólico não sabe “o que perdeu com essa perda”. Embora o próprio Freud não o tenha dito, do ponto de vista do mito de uma perda essencial (estrategicamente situado por Starobinski no início de seu livro) – seja o mito grego da perda do auxílio dos deuses, seja, posteriormente, o mito cristão da perda do amor de Deus e a expulsão do paraíso – a melancolia não se reduz a uma neurose narcísica, mas aponta para o mistério ainda maior da existência, que ao homem foi dada sob uma condição de abandono, por vezes de imenso abandono. Essa visada literária, que se prolonga até o fim do livro passando por diversos autores da literatura ocidental, trata mais diretamente da tragicidade da condição humana encarnada na doença melancólica, e tem a força de mostrar que há mais coisas entre o

céu e a terra do que sonha a nossa psicologia.

Passemos agora ao interesse literário propriamente dito do livro. No que se refere ao olhar sobre a força produtiva da melancolia, a proposta nos alcança de imediato pelo jogo de palavras: a poesia seria escrita com a tinta da bile negra – o suposto fluido humoral que, de acordo com a antiga medicina hipocrática, seria a causa do estado de espírito melancólico ao desequilibrar-se em relação aos demais humores. Seguindo esse caminho o leitor encontrará análises feitas por Starobinski de escritores cujas obras foram mobilizadas pela melancolia, como Baudelaire, Madame de Staël e Kierkegaard. Essa associação entre melancolia e gênio criador, referência constante no pensamento ocidental pelo menos desde o escrito de Aristóteles “O homem de gênio e a melancolia”, é abordada por Starobinski por um viés específico: o do gênio irônico. Embora inicie seu livro, como vimos, tocando no sentido existencial mais profundo da melancolia, verdadeiramente metafísico e despido do elemento cômico que lhe poderia atenuar a seriedade, e embora esteja sempre “às voltas”, por assim dizer, com o sentido trágico da melancolia, Starobinski insiste nesse viés específico da ironia, que se lhe afigura mais interessante para abordar o afeto.

Ele declara, com efeito, que o objetivo do livro foi “demonstrar

que uma mirada da melancolia em perspectiva pode dar espaço a um *alegre saber*²⁹³. Uma mostra de seu pendor pela versão irônica da melancolia na literatura já foi apresentada ao leitor brasileiro mediante o livro “A melancolia diante do espelho” (Editora 34, 2014), em que Starobinski se detém na poesia de Baudelaire. “A tinta da melancolia” também contém textos sobre o poeta francês, que fornece o fio condutor para a parte V do livro, “Sonho e imortalidade melancólica”; mas desta vez mais autores ganham espaço, com destaque para Kierkegaard, Cervantes, Madame de Staël, Pierre Jean Jouve, que se contam entre os autores tratados em tópicos próprios no livro, além das várias referências que Starobinski insere em suas discussões, como Voltaire e Montaigne (são 8 páginas de índice onomástico). Seus incursos literários não se limitam de forma exclusiva a autores *que deram um tratamento irônico à melancolia, mas sua leitura da melancolia e desses autores envereda predominantemente pelo caminho da ironia*. Nesse ponto cabe uma

²⁹³ Na parte do livro dedicada à pesquisa histórica sobre o tratamento da melancolia esse objetivo é bastante evidente até mesmo na forma como Starobinski narra detalhes por vezes pitorescos e esdrúxulos de alguns tratamentos aventados ao longo dos séculos.

observação de cunho mais crítico ao livro.

O leitor envolvido com o problema filosófico, metafísico e religioso da melancolia – em suma, com sua dimensão na história do espírito –, provavelmente sentirá falta de um maior aprofundamento. Uma crítica à falta de completude na seleção dos autores abordados seria absolutamente injusta, visto que, em primeiro lugar, esta não é a proposta do livro e, em segundo lugar, quantidade de referências não está entre possíveis pontos fracos do livro. A falta que se pode sentir é antes no sentido da *dimensão* dada pelo autor à melancolia profunda de místicos, filósofos e poetas que, diferentemente do viés privilegiado por Starobinski de uma “salvação pela ironia” (expressão que intitula, sob a forma de interrogação, a parte IV do livro), não foram e não consideraram possível uma salvação pela ironia, dentre os quais Pascal, Hölderlin, Trakl. Starobinski aborda Pascal, por exemplo, mas não lhe dedica um tópico exclusivo e não parece estar plenamente ciente de que esse autor não pode ser plenamente compreendido sem uma relativização do viés irônico – já que a salvação da melancolia como decorrente do abandono de Deus para Pascal só pode ser concedida pelo próprio Deus. Essa lacuna – se a expressão for justa – parece dever-se à falta de um envolvimento mais sério do autor com a questão da melancolia associada ao

afastamento do Deus cristão²⁹⁴. Para o leitor que se contentar com a “saída pela ironia”, o livro será uma preciosidade. Mas se este não for o caso, possivelmente ficará com a impressão de que o louvor à ironia contém uma certa evasão, uma certa defesa diante do que é sério. A proposta de “fazer da melancolia um alegre saber” poderia nesse sentido transformar o assunto em tema de puro entretenimento, colocando o tratamento de Starobinski à melancolia no extremo oposto, por exemplo, das análises feitas por Heidegger da angústia e do tédio.

Entretanto, essa crítica pontual não deve perder de vista duas coisas. Primeiro, que o livro não se propõe realizar uma interpretação filosófica do fenômeno da melancolia e, uma vez feita a escolha por tratar da melancolia pelo viés da ironia, tal escolha foi realizada com primor no escopo das referências e análises do autor. Em segundo lugar, que se a contribuição

do livro fosse apenas a que abordamos primeiramente nesta resenha, ou seja, sua capacidade de trazer abertura intelectual para o fenômeno da melancolia no âmbito médico-terapêutico, isso por si só já definiria seu valor.

Submetido: 25 de julho 2017

Aceito: 29 de julho 2017

²⁹⁴ Não seria justo negar-lhe o conhecimento e interesse pela questão. Veja-se, por exemplo, a página 356, em que ele fala da *plenitude* de Santo Agostinho: a presença divina no coração humano que preenche toda falta, todo vazio existencial que é marca da melancolia. Nossa observação diz respeito a uma insuficiência filosófica na *dimensão* dada ao problema. Nessa mesma passagem sobre Agostinho, por exemplo, Starobinski se detém muito rapidamente, e logo passa a outras questões.